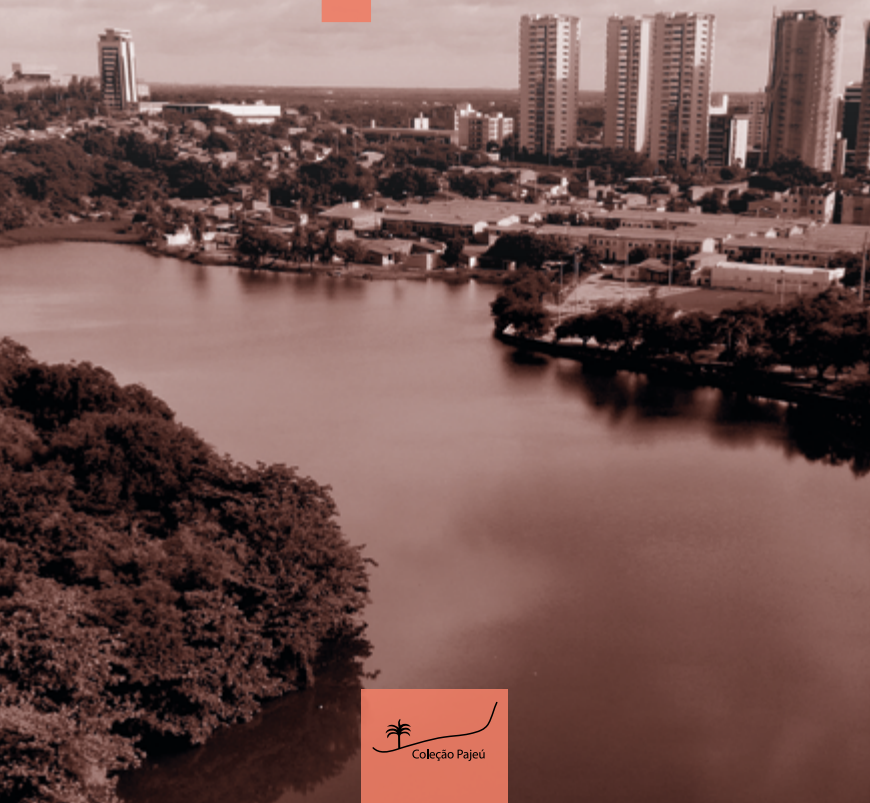


**TOTONHO  
LAPROVITERA**

# Papicuru



As cidades são construídas de histórias, memórias e mistérios, feitas de um estuário de afetos, retóricas, discordâncias, interesses, apegos, datas e festas. Grandes celebrações. São as pessoas, com seus sólidos perfis, que constroem e desmancham as cidades todos os dias.

A Coleção Pajeú, publicada por meio da Secretaria da Cultura do Município de Fortaleza, é uma proposta editorial, permeada por consciência histórica e cidadã, que pretende reafirmar o patrimônio material e imaterial dos bairros da nossa cidade.

Esta quarta etapa contempla os livros sobre os bairros de Antônio Bezerra, Bairro de Fátima, Carlito Pamplona, Conjunto Ceará, Jangurussu, Jardim das Oliveiras, Mondubim e Papicu.





*Paisagem da “lagoa comprida”,  
nascente da história do Bairro Papicu,  
na década de 1980, avistando-se ao  
fundo a crescente urbanidade local.*

**Papicu**

Obra realizada com o patrocínio da Prefeitura Municipal de Fortaleza,  
por meio da Secretaria de Cultura de Fortaleza – Secultfor.

Prefeito de Fortaleza  
**José Sarto Nogueira Moreira**

Vice-Prefeito de Fortaleza  
**José Élcio Batista**

SER II – Secretária da Regional II  
**Francisco Rennys  
Aguiar Frota**

**SECULTFOR**  
Secretário  
**Elpídio Nogueira Moreira**

Secretária Executiva  
**Leiliane Batista Vasconcelos**

Chefe de Gabinete  
**Pedro Ivo Mitoso Júnior**

Assessor Jurídico  
**Thiala Cássia  
Bezerra Cavalcante**

Assessora de Comunicação  
**Juliana Barros Bomfim**

Assessora de Planejamento  
**Eliane da Luz Silva**

Coordenadora  
Administrativo Financeira  
**Ana Cláudia Mourão Mota**

Coordenador de Patrimônio  
Histórico-Cultural  
**Diego Fernandes Zaranza**

Coordenador de Ações Culturais  
**Luís Lima Costa**

Coordenador de Criação e Fomento  
**José Emmanuel  
Abrante Nogueira**

Gerente de T.I  
**Carlos Alberto  
Bertoldo Carvalho**

Assessora da Vila das Artes  
**Mileide Flores**

Diretora do Teatro  
Municipal São José  
**Karla Karenina  
Sales Fernandes**

Diretor do Centro Cultural Belchior  
**Geraldo Ponce Filho**

Diretor da Biblioteca Pública  
Municipal Dolor Barreira  
**Eduardo da Silva Pereira**

Diretora da Biblioteca Pública  
Infantil Herbênia Gurgel  
**Lysannia de Sousa Lima**

Patrocínio



**Fortaleza**  
PREFEITURA  
**Cultura**

Totonho Laprovitera

# Papicu



Este livro não pode ser reproduzido no todo ou em partes,  
sob qualquer forma, sem autorização do editor.

Idealização e Concepção	Imagens de Arquivo
<b>Gylmar Chaves</b>	<b>Arquivo Nirez</b>
Coordenação Geral	Diagramação
<b>Terra da Luz Editorial/ Patricia Veloso</b>	<b>Majoî Ainá Vogel Wend Castelo</b>
Texto	Produção Editorial
<b>Totonho Laprovitera</b>	<b>Bruna Lopes</b>
Revisão	Assessoria Técnica
<b>Rochelle Sales</b>	<b>Graça Martins</b>
Fotografias de Capa, Contracapa e Guardas	<b>Ingrid Monteiro</b>
<b>Gentil Barreira</b>	<b>Ruben Oliveira</b>

---

L317p    Laprovitera, Totonho.  
Papicu / Totonho Laprovitera. — 1ª ed. —  
Fortaleza : Terra da Luz Editorial, 2023.  
76 p. : 11,5 x 16 cm.  
(Coleção Pajéú)  
ISBN 978-65-86517-33-0  
1.Bairros - aspectos sociais. 2.Papicu  
- usos e costumes I. Título.

CDD 918.1310

---



# Sumário

Apresentação • 7

Começo de conversa • 13

Revelação • 15

Introdução • 19

Fio da meada • 21

Sítio Cocó, Moderna Aldeota, Papicu • 27

Crescimento • 37

Cadeiras na calçada • 45

Muro • 55

Barro da Lagoa Dourada • 57

Siameses • 59

Na praça, o abraço da arte • 63

Chiste • 67

Por derradeiro • 69

Referências • 73



# **Apresentação**

A Coleção Pajeú expressa a história dos bairros de Fortaleza na dimensão simultânea de passado – presente – futuro.

As pessoas, compreendidas como agentes, autores e autoras do que é coletivamente vivido e projetado para além dos limites físicos, são protagonistas de seus espaços urbanos e perfis do cotidiano: lugares de afetos e memórias, singularidades e pluralidades, percorridos por meio da oralidade, de referências bibliográficas, de datas e festas.

A Secultfor, ao apoiar esta iniciativa, reafirma traços e belezas de nossa terra e de nossa gente.

Parabéns, Fortaleza!

**Dr. Elpídio Nogueira Moreira**

Secretário da Cultura do Município de Fortaleza



*Aos meus pais  
Geraldo e Marluce.*

*Para  
minha mulher Elusa,  
meu filho Fernando Victor e minha nora Natércia,  
minha filha Joana e meu genro Rafael,  
Antonio, meu neto.*

*Agradecimentos a  
Waldyr Diogo de Siqueira Filho,  
Sílvia Diogo de Holanda,  
Eugênio Diogo de Holanda,  
César Cals de Oliveira Neto,  
Luiz de Gonzaga Fonseca Mota,  
Maurício Quinderé Cals, Eduardo Diogo,  
Rodrigo Nogueira Diogo,  
Luís Gonzaga Vasconcelos Filho,  
Mino Castelo Branco  
e Gylmar Chaves.*



*Não havíamos marcado hora, não havíamos  
marcado lugar. E, na infinita possibilidade  
de lugares, na infinita possibilidade de  
tempos, nossos tempos e nossos lugares  
coincidiram. E deu-se o encontro.*

**Rubem Alves**





## COMEÇO DE CONVERSA

**E**u não escrevo, desenho com palavras. Conversador desde pequeno, falando, escrevendo, desenhando e pintando, tenho contado as minhas ideias e histórias versadas do meu itinerário de vida. Para mim, escrever é criar ou compor minhas crônicas, meus poemas. É registrar meu tempo, expor meus sentimentos, traçar planos, assentar conceitos e cumprir objetivos. Escrever é apagar meu silêncio, é espantar a solidão. Quanto a desenhar, é o desígnio de pintar a palavra. Escrever é viver e reviver.

Mas desta vez, surge-me esta nova experiência, chegada como desafio de contar sobre um bairro de Fortaleza, cidade onde nasci e pela qual sou completamente apaixonado. Então, com apresto de ousadia e contando com a sorte de iniciante, aproveito a oportunidade e me valho do conceito principal do certo traço da expressão de minha arte, no qual desenhar é correr o risco.

Contar a história do Papicu é relembrar uma Fortaleza descalça, bucólica, dos tempos de criança, de gente simples, costumes comuns e lugares serenos. É viajar no tempo e nele se espargir em passado, presente e futuro. É reconhecermo-nos no chão palmilhado de nossas memórias.

Bem, soprando à brisa da canção de Belchior, “eu ainda sou bem moço pra tanta tristeza, deixemos de coisas, cuidemos da vida, senão chega a morte ou coisa parecida e nos arrasta moço sem ter visto a vida”.

# REVELAÇÃO

*As ruas descalças contam mil histórias  
da menina, mulher, dourada de sonhos  
Da pureza da calma de um grande amor  
à natureza da alma de um pescador*

*Traçadas as praias pela beira do mar,  
em desenho pintado pelo verde das águas,  
são beijos de língua com gosto de sal,  
pecados, vontades, razões de viver*

*Sopra a brisa com cheiro do amar,  
embalando os corpos a navegar  
Tem fachos de sol o calor dos desejos  
dos namorados banhados de luar*

*O brilho no olhar da luz das estrelas  
é clarão de farol que guia a certeza  
e norteia a beleza da delicadeza, para  
amante ser minha a Fortaleza!*

**C**onhecer a cidade faz parte da minha formação profissional de arquiteto e urbanista, e foi na Escola de Arquitetura da Universidade Federal do Ceará, onde estudei e me formei, que aprendi a ler a cidade, enxergando seus entornos, suas relações e porme-

nores, dentre tantos aspectos a espiar de sua essência. Em meu itinerário, atuando como profissional na Prefeitura Municipal de Fortaleza, desde 1983, tomei consciência de que as cidades são, em síntese, as pessoas. Daí, o meu interesse constante de conhecê-las por meio de suas histórias, em especial, as das personalidades que lhe marcaram e marcam época. Incluindo as pessoas comuns que vivem o cotidiano a tecer a legítima história a ser contada, descrita de modo inteiramente verdadeiro e imparcial.

É importante observar que, ao crescerem de tamanho, as cidades se multiplicam em aglomerados de várias outras urbes. Aí, os bairros se constituem em umbigos desses organismos ativos a abrigar seus viventes. Quantas características a cidade guarda em sua maneira de ser? Eu me pergunto.

Sou nascido quando a Aldeota ainda era considerada longe, mas muito longe mesmo, do Centro de Fortaleza. Avalie o Papicu, naquela época!

Para termos ideia da distância, no romance *A normalista*, de Adolfo Caminha (1867-1897), clássico incluído como um dos mais naturalistas da literatura brasileira, o autor descreve Fortaleza e sua sociedade no final do século XIX, cheia de preconceitos e sentimentos pequenos. O livro conta a história de Maria do Carmo, moça simples que é entregue por seu pai, crédulo retirante, para ser criada pelo padrinho João da Mata. Resumindo, quando a inocente engravida do “protetor”, para se

livrar de grande escândalo, é levada a se esconder num lugar bem distante do núcleo central da cidade, a Aldeota, onde irá gestar e parir o filho.

Dessa Fortaleza de antigamente, o escritor Otacílio de Azevedo disse das mudanças que a cidade passava naquela época:

*Moça pobre, mas vaidosa, Fortaleza ensaiava os primeiros passos nos caminhos do comércio internacional, passando da renda de almofada para a renda francesa, mandando buscar os melhores figurinos de Paris, casimira da Inglaterra, usando manteiga “Le Pelletier” e “Betel Freres” – enfim, procurando divertir-se e mostrar-se nos saraus e festas, cinemas e igrejas.*

Pois é, a história é perpetrada por habitantes da cidade, quando contada por eles em uma estrutura popular e democrática. Já nas famílias, gerações possuem jeitos particulares e específicos de contar a própria história. Comumente, histórias de vida que inspiram a todos que apreciam e valorizam a memória recontada.

Assim, ao conversar com César Cals de Oliveira Neto, Eduardo Diogo, Eugênio Diogo de Holanda, Maurício Quinderé Cals, Rodrigo Nogueira Diogo de Siqueira, Silvia Diogo de Holanda e Waldyr Diogo de Siqueira Filho, descendentes de Antônio Diogo de Siqueira, vimos passar um épico filme – assistido no Cine Diogo, é claro – nas lembranças da gente.

Portanto, desconsideraremos as distâncias geográficas e nos lançaremos no calendário das memórias, para contar um pouco sobre esse bairro de Fortaleza, o Pápicu, que um dia foi “Moderna Aldeota”.

# INTRODUÇÃO

**D**iz-se “Bairro” cada uma das partes que compõe a cidade. Uma área demarcada pela municipalidade para a ocupação de seu território, a princípio, com finalidades administrativas de regulamentar o uso do solo e organizar o planejamento e controle urbano.

Estabelecido ao longo do tempo, o bairro é um produto social em que suas ações humanas transformam os sítios e evidenciam particularidades da vida de seus moradores. Aglutinando moradias homogêneas e com identidade própria dentro de sua população, ele emoldura o conjunto de pessoas que habita nesse agrupamento residencial. Com características próprias relacionadas à sua ocupação e ao local em que se encontra, notadamente, os bairros podem ser classificados como residenciais, comerciais, industriais, mistos e rurais.

Mas neste livro eu discorro sobre o bairro com uma narrativa contextualizada. Busco, para a sua compreensão, histórias passadas na vida da cidade, das pessoas,

quando as distâncias geográficas reinavam e tudo parecia mais longe do que verdadeiramente era. Hoje em dia, vivemos a realidade “lua do sertão, sol do Japão”, em tempo real. Simultaneamente, digo: uma viagem do Brasil ao Japão durava, no mínimo, três meses. A minha primeira referência de distância vem do início do século XX, mais precisamente em 1922, quando meus avós maternos passaram um mês para virem da Itália para o Brasil de navio. Aliás, todas as viagens longas eram de navio.

As informações demoravam a chegar, por isso, quando as notícias surgiam, já se imaginava o que poderia ter acontecido depois delas. Portanto, de maneira simples e espontânea, campeeí a escrever aos olhos de verdes mares da amada Fortaleza, a “loira desposada do sol” – acenada pelo poeta Paula Ney –, filha da Terra da Luz, que ainda guarda sob o véu de suas alvas dunas, desenhadas pela constante brisa a açoitar a sinuosa paisagem, que de quebra mata a sede de sua vida, ao beber nas águas da “lagoa comprida”, nascente da história do Bairro Papicu.



# FIO DA MEADA

**C**omo preâmbulo, para melhor compreensão sobre a história do Bairro Papicu, apresento algumas breves informações de Fortaleza, do período compreendido pela década de 1920 a de 2020.

## **Década de 1920**

As ruas de Fortaleza ainda eram iluminadas com gás carbônico, mas as casas já tinham energia elétrica.

Substituindo de vez os bondes puxados a burros, o transporte na cidade passou a ser feito por bondes elétricos.

Fortaleza dos anos 1920 era uma cidade em expansão, com aproximadamente 80 mil habitantes.

Em 1926, começou a ser instalada a água encanada.

O comércio se desenvolveu bem mais que a indústria. As trocas comerciais eram sempre feitas com as cidades do interior.

## **Década de 1930**

Entre as décadas de 1920 e 1930, bairros como Jacarecanga, Praia de Iracema e Aldeota passaram a ser habitados pelas elites, que começaram a valorizar a proximidade com o mar.

A partir desta década, a área urbana de Fortaleza cresceu aceleradamente, aparecendo aglomerações de edificações precárias na periferia.

A cidade expandiu-se além da malha traçada por Adolfo Herbster.

Foi elaborado o código urbano disciplinando a ocupação de solo e proibindo as edificações conjugadas, com base em preocupações ecológicas e paisagísticas.

## **Década de 1940**

Com uma população de 180 mil habitantes, Fortaleza dobrou sua taxa de crescimento.

A campanha submarina do Eixo levou o Brasil ao estado e à declaração de guerra em 1942. O governo brasileiro cedeu bases no Nordeste para operações do Exército e da Aeronáutica Norte-Americana. Uma delas foi instalada em Fortaleza, no atual bairro do Pici.

Fortaleza, com seus 180 mil habitantes, abandonou de vez os últimos costumes da sua fase francesa e o champanhe para dar entrada à Coca-Cola. A fama do

refrigerante foi tanta a ponto das moças, que namoravam os soldados e oficiais americanos, serem apelidadas de “Coca-Colas”.

## **Década de 1950**

Com um crescimento acelerado, Fortaleza exportava pelo Porto do Mucuripe – que iniciou suas operações em 1953 – matérias-primas de origem vegetal e animal, cera de carnaúba, óleo de oiticica, mamona, babaçu e algodão, peles de animais silvestres e domésticos. Na via oposta, importava itens industrializados, máquinas, automóveis, tecidos de lã e linho, ferro, aço, medicamentos, carvão, chumbo e cimento. Também data desse período a construção dos primeiros prédios com mais de quatro andares.

Nessa mesma década, a cidade recebeu duas importantes instituições públicas. O Banco do Nordeste do Brasil, em 18 de janeiro de 1954, e em dezembro desse mesmo ano, foi criada a UFC (Universidade Federal do Ceará), instalada em 16 de junho de 1955.

## **Década de 1960**

No início dessa década, a população de Fortaleza era de 507.108 habitantes. O Estado do Ceará não possuía energia elétrica suficiente (gerada em usinas termelétricas) para abastecer toda a capital, inaugurando-se a

distribuição da energia fornecida pela hidrelétrica de Paulo Afonso.

Essa década modificou de vez os hábitos dos fortalezenses, com a chegada da grande novidade, a televisão.

Nesse mesmo período, em 1966, foi inaugurado na capital cearense o primeiro terminal de passageiros e pátio para aeronaves do Aeroporto Pinto Martins, denominação em homenagem ao piloto Euclides Pinto Martins, nascido na cidade de Camocim, que fez parte da primeira viagem aérea entre os Estados Unidos e o Brasil – de Nova York ao Rio de Janeiro.

## **Década de 1970**

Foi inaugurado o Estádio Governador Plácido Castelo, o Castelão, em 1973.

A música cearense ficou reconhecida nacionalmente pelo Pessoal do Ceará – grupo de jovens artistas que despontaram no início dos anos 1970 –, destacando-se os artistas Fagner, Ednardo e Belchior.

Essa década foi marcante para planejamento urbano da cidade, quando se efetivaram a abertura de avenidas estruturantes e o alargamento de outras existentes.

## **Década de 1980**

A grande seca que se estendeu de 1979 a 1984 foi fator agravante dos problemas urbanos de Fortaleza. Datam desse período os primeiros movimentos organizados de bairros e uma intensificação das ações públicas para reduzir esse quadro.

Em 1980, o Papa João Paulo II visitou Fortaleza.

## **Década de 1990**

Nos anos 1990, Fortaleza se apresentava como uma das capitais brasileiras mais bem-equacionadas e se tornava destino altamente requisitado por turistas do Brasil e do exterior.

A industrialização se processou em larga escala, o comércio registrou intensa movimentação e todas as atividades envolvendo a prestação de serviços conheceram tempos prósperos.

## **Década de 2000**

Com várias transformações estruturais, foram abertas novas avenidas, e implantados equipamentos de saúde e espaços culturais, por exemplo. Fortaleza passou a despontar como um dos principais destinos turísticos do Nordeste brasileiro.

## **Década de 2010**

Com o desenvolvimento da economia local, visão urbana de investimento e crescente atividade da construção civil, Fortaleza derramou-se em várias direções e seus bairros se encorporaram.

## **Década de 2020**

Fortaleza apresenta uma população estimada em 2.703.391 em 2021, conforme dados do IBGE (Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística).

# SÍTIO COCÓ, MODERNA ALDEOTA, PAPICU

## Lugar

*Amada e tão sonora Língua Tupi-Guarani.  
Idioma-Pai dos primeiros e verdadeiros  
Habitantes que há séculos percorreram os chão e águas  
Desse Brasil-Continente “Vermelho como brasa!”,  
Também tão bem definido em Tupi-Guarani.*

*E foi de nossa Língua-Mãe, em tempos imemoriais,  
Que os índios – legítimos donos – habitantes  
das distantes paragens a Oeste  
daquela que viria a se tornar a Fortaleza  
de Nossa Senhora da Assunção,  
passaram a chamar de Papicu, ou “Lagoa Comprida”,  
as águas límpidas, doces e aconchegantemente frias  
que brotavam das faldas de dunas e areias tão escaldantes.  
O Tempo – Senhor do que tudo pode e tudo sabe –  
encarregou-se de conduzir Iracemas, Peris e Cecis a outros  
planos astrais,  
transformando a aprazível Lagoa do Papicu  
em uma selva de pedras...  
Torre de Babel repleta de incontáveis soberbas!*

**Túlio Monteiro**

Localizado na zona leste, adjacente ao Parque do Cocó, à Praia do Futuro e à Beira Mar, o Papicu é um dos 121 bairros de Fortaleza.

Em tupi-guarani, “Papicu” quer dizer “lagoa comprida”, assim chamada pelos primeiros habitantes da região ao observar, nos alvos lençóis das dunas, a terra farta de água doce da lagoa.

Considerada inteiramente urbana e de pequeno porte, a Lagoa do Papicu, com espelho d’água de aproximadamente 43 mil metros quadrados, faz parte da bacia hidrográfica da Vertente Marítima. Requalificada, acolhe uma espessa mata e diversa fauna. Ela e suas cercanias são convidadas pela população que procura um Parque Urbano, com espaços de lazer e esportes.

Em região ainda com dunas, o Papicu hoje se apresenta como área residencial em meio à ameaçada paisagem natural. Ademais, vários comércios estão estabelecidos no bairro, contemplado com uma suficiente infraestrutura urbana, necessária à condição de bem morar.

Estremado pelas avenidas Alberto Sá, Santos Dumont e Almirante Henrique Saboia (Via Expressa), a facilidade de acesso lhe possibilita a fluência de mobilidade a outros bairros de Fortaleza. Um de seus equipamentos da modernidade é o Terminal de Integração do Papicu, ou simplesmente Terminal do Papicu, que conta com o maior fluxo de ônibus e passageiros da cidade.



Nele, cerca de 260 mil passageiros são transportados por dia, nas 45 linhas que passam pelo local, inteirando uma frota de 479 veículos por dia. O Terminal está conectado ao sistema de bicicletas compartilhadas e será ligado à Linha Leste do Metrô de Fortaleza.

Na atividade mercantil, integrado a um conjunto de torres empresariais e residenciais, o bairro abriga o Shopping RioMar Fortaleza, um dos maiores do Brasil, inaugurado em 2014, além de diversos tipos de estabelecimentos, como academias de ginástica, campos de futebol, escolas, farmácias, hospitais, igrejas, restaurantes, bodegas, mercearias e supermercados.

## **Princípio**

Tudo começou com o coronel Antônio Diogo de Siqueira (1864-1932), quando adquiriu uma extensa gleba de terra, entre o Rio Cocó, trecho compreendido do ramal ferroviário com destino ao Porto do Mucuripe, e pelo Oceano Atlântico, do Farol do Mucuripe à foz do Rio Cocó.

O coronel Antônio Diogo de Siqueira iniciou a vida profissional como marchante, para depois se tornar industrial, fazendeiro, comerciante e banqueiro, sem nunca abandonar a marchantaria, escreveu o engenheiro civil César Cals de Oliveira Neto, que foi deputado federal pelo Estado do Ceará e prefeito de Fortaleza.

## ■ *Antônio Diogo e o Sítio Cocó*

*Antônio Diogo de Siqueira, meu bisavô, pai de Hilza Diogo Cals, e avô de meu pai Cesar Cals, é um exemplo de pessoa oriunda de família humilde, que o obrigou a trabalhar muito cedo, ao lado de seu pai, como marchante, e que teve uma trajetória de grande sucesso.*

*Nascido em São Francisco de Uruburetama [atual Itapajé] em 1º de setembro de 1864, mudou-se para Fortaleza, casou com Elisa Viana de Siqueira e teve 19 filhos. Entre os empreendimentos que constituiu ou participou, destacam-se: Matadouro Modelo Ltda., Indústria Têxtil através da Fábrica Santa Elisa, que beneficiava e exportava algodão, Fábrica Santo Antônio e a Fiação São Luiz; Siqueira Gurgel, Gomes & Cia. Ltda. Fábrica de Óleos Vegetais e Sabão; Usina Ceará, produtora de óleo de caroço de algodão e sabão, e o Banco dos Importadores, entre outras atividades empresariais.*

*Antônio Diogo, fazendeiro e pecuarista, foi proprietário de grandes fazendas em Quixeramobim, Senador Pompeu, Caio Prado e Pajuçara [atualmente ocupado pelo Distrito Industrial de Maracanaú], onde praticava a cotonicultura, e outras formas de cultura agrícola.*

*Ao longo de sua vida, também aplicou seus capitais na aquisição e construção de imóveis em Fortaleza. Dentre as propriedades a ele pertencentes, me-*

*recem destaque a extensa gleba de terra, adquirida de seu genro Waldemiro Maia, que abrangia a área limitada pelo Rio Cocó, trecho compreendido do ramal ferroviário, atualmente compartilhado com o Metrofor [Metrô de Fortaleza] através do VLT [Veículo Leve sobre Trilhos], que se destina ao Porto do Mucuripe e pelo Oceano Atlântico – do Mucuripe até a foz do Rio Cocó, onde se situa o Clube Caça e Pesca. O portão de entrada dessa extensa propriedade se situava na Avenida Santos Dumont, bem próximo ao trilho que cortava este logradouro.*

*Em princípio, o interesse comercial naquelas terras do Sítio Cocó, resumia-se a extração do sal marinho, através da Salina Diogo, e à criação de gado para salga da carne, com vistas à exportação pelo Porto do Mucuripe. No local da Salina Diogo, depois seria erigido o Shopping Center Iguatemi, inaugurado em 2 de abril de 1982.*

*Antônio Diogo, falecido em 1932, participou da fundação do CIC [Centro Industrial Cearense]. Seu filho Waldyr Diogo, foi um dos fundadores da FIEC [Federação das Indústrias do Estado do Ceará], em 1950 lançou um loteamento nas terras do Sítio Cocó, que se estendia por 7 quilômetros de costa, do Farol do Mucuripe à foz do Rio Cocó, hoje, a Praia do Futuro.*

## **Tempo**

*Ela é batida pelos largos ventos.  
Amo-lhe a solidão  
que fecunda os abismos,  
faz o homem capaz de todas as renúncias  
e íntimo da morte.  
O crepúsculo é jorro real de sangue  
a recolher no símbolo  
todas as dores necessárias do dia.  
Há no único navio que passa ao largo  
o mistério das longas viagens,  
dos portos desconhecidos,  
e a âncora do tempo.  
Amo-lhe a sucessão de dunas  
por onde passaram, sem regresso,  
as últimas caravanas.  
No silêncio da noite,  
olho para o alto,  
pulverizo-me em luz  
e sou traço-de-união entre o Infinito e o Eterno.  
Amo-lhe sobretudo o vento,  
que vindo assim pelo dorso do mar,  
parece trazer na noite  
a aflição das tormentas  
e o gemido de todos os naufragos.*

**Moreira Campos**

No final do século XIX, valorizadas pela existência de salinas, as terras do Sítio Cocó também tinham por finalidade as atividades agropastoris, mormente para

criação de gado, salga de carne e processo produtivo de couro cru, ainda em estágio inicial, destinado à indústria do curtume. Com a baixa dos negócios do gado, a família Diogo decidiu vender vultosa parte daquelas terras. E assim, na primeira metade do século XX, o loteamento Praia Antônio Diogo – Praia do Futuro – foi lançado ao mesmo tempo com o Moderna Aldeota, que deu origem ao bairro Papicu.

Em 1949, o engenheiro civil, empreendedor e filantropo Waldyr Diogo de Siqueira Filho (1910-1970), dedicando-se e inovando nos empreendimentos imobiliários, iniciou o processo de urbanização da região. Com a construção da Estrada Dioguinho, marcou a divisão entre a Praia do Futuro e o Papicu, que até meados de 1960 formava um conjunto de grandes dunas interrompidas por espessa vegetação, pelo Rio Cocó e lagoas, dentre elas a do Gengibre (hoje soterrada) e a do Papicu.

Curiosamente, por longa temporada, pelo isolamento da terra, entre as solitárias dunas e águas claras, o 23 BC (23º Batalhão de Caçadores, do Exército Brasileiro) usava a área para a prática de tiro ao alvo e exercícios militares de seus soldados.

De largo conceito e importância profissional, Waldyr Diogo é reconhecido como um dos responsáveis pela modernização do aspecto urbanístico de Fortaleza. Com o arquiteto húngaro Emilio Hinko (1901-2002), foi pioneiro no uso do concreto armado na construção civil.

Em 1969, no loteamento Moderna Aldeota, foi inaugurado o HGF (Hospital Geral de Fortaleza), o maior hospital público da rede da Secretaria Estadual da Saúde do Ceará, o que acarretou a implantação da primeira linha de ônibus, pela Cialtra Empresa de Transportes Ltda., ligando o lugar a outras localidades da cidade.

*O HGF foi construído pelo Ex-Instituto de Aposentadorias e Pensões dos Industriários – IAPI no final da década de 1950, quando o Dr. Antônio Jucá, um dos mais conceituados representantes da medicina cearense, ocupava o cargo de presidente daquele instituto. A obra foi concluída antes do golpe militar de 64. Construído às margens da Lagoa do Papicu, era inundado pelas águas no período do inverno. Em 1967 foi constituída uma comissão formada por engenheiros e administradores hospitalares com o objetivo de promover a recuperação física do hospital, incluindo equipamentos danificados pela maresia, disse o Dr. Júlio Penaforte, então Diretor Geral, na XXVII Reunião Anual do HGF, em 1992.*

Em 1970, o Grupo J. Macêdo instalou a Cervejaria Astra, atraindo benefícios ao local, com avanços de infraestrutura, como abertura e pavimentação de ruas e ampliação da rede de energia elétrica, dentre outras. No ano seguinte, a Astra se associou à Brahma, que adquiriu o controle acionário da marca.

Anos depois, desocupadas, as instalações da cervejaria foram implodidas (em 2010), e no terreno foi construído o Shopping RioMar.

## **Morada**

Analisando a relação do Papicu com seu entorno, percebe-se a vocação residencial do bairro em decorrência da criação da Cidade 2000 – um conjunto habitacional que virou bairro, projetado pelo pernambucano Paulo Barbosa Magalhães, arquiteto e urbanista. Inspirado com a imagem de futuro, inicialmente fazia parte dos arredores das margens da “lagoa comprida”.

*O bairro nasceu como solução para resolver o déficit habitacional. Como na época a Cidade 2000 foi construída em um terreno distante, um grande problema surgiu, já que a população não tinha infraestrutura para residir no bairro. Foram os moradores que se organizaram para exigir água, esgoto, energia, sistema de transporte, coleta de lixo, segurança etc. O Estado, de certa forma, direcionou o crescimento da cidade, explica Maria Clélia Lustosa da Costa, professora do Departamento de Geografia e do Programa de Pós-Graduação em Geografia da UFC (Universidade Federal do Ceará).*

*E segue: O conjunto inicialmente receberia a denominação de Jardim Fortaleza. Uma empresa publi-*

*citária de Recife montou, porém, um grande esquema de propaganda e divulgação, dando outra dimensão ao bairro. Planejado como “Jardim Fortaleza”, foi transformado em “Cidade 2000” por essa campanha, que lançou candidatas a “Garota 2000”, as quais saíram por Fortaleza oferecendo casas na “Cidade do Futuro”. Houve uma grande festa de inauguração do bairro, oportunidade na qual foi selecionada a “Garota 2000”, em uma demonstração do poderoso esquema promocional montado para a venda das habitações do conjunto.*

Já o professor Ricardo Figueiredo Bezerra, autor musical, arquiteto, urbanista e paisagista, destaca:

*No dicionário, a primeira acepção da palavra urbano nada tem a ver com cidade e, sim, com cordial, cortês, educado. Essa é a definição da palavra urbano. O que a gente percebe é que a Cidade 2000 é verdadeiramente urbana. Um fato curioso é que as casas do bairro são de fundos correspondentes. Eu convivo com pessoas da quadra 1 e da 3 e moro na 2. A minha vizinhança imediata é maravilhosa. Eu e minha esposa [Bete] já moramos em vários lugares ao longo da vida e lá é onde a vizinhança é mais urbana. A gente sente muita segurança no bairro, apesar de se associar violência a conjuntos habitacionais. Isso se explica devido à visibilidade da rua. A maioria das casas tem janelas e portas que dão para a rua, que se torna vigiada sempre.*



## CRESCIMENTO

*Asfalto, rumo de ruas paralelas...  
escuras dunas cegas, largas, mina de arestas.  
Rastro de poemas, sons Tupi, margem comprida...  
e meus versos prédios tão desertos quanto a euforia  
das rapinas que não vejo... Ahh! Papicu dos corações  
dilacerados... Memórias-Mangarás, ocas Guaranis...  
e eu aqui em cada gesto de passear em tuas luas de  
esquinas populares... Ahh! Papicu!*

**Alana Girão Alencar**

O território do bairro Papicu cresceu muito graças à sua localização, tendo atraído a atenção da especulação imobiliária. O apelo do verde, os terrenos disponíveis, a aproximação do Parque do Cocó, da Praia do Futuro e da Avenida Beira Mar têm valorizado e atraído empreendimentos habitacionais, de fins comerciais e de serviços, para diferentes segmentos sociais. Com seu constante desenvolvimento urbano, é avaliado como um dos melhores locais para se morar na cidade.

Em referência ao loteamento inicialmente denominado “Planalto Nova Aldeota”, que ajudou a espalhar as moradias no Papicu, devido à sua estruturação urbana, a maior rede de lojas de departamento do Ceará escolheu

bem a sua localização para instalar o Romcy Planalto, no início dos anos 1980, que depois passou a ser o Hiper Bompreço Supermercado.

Nos derradeiros anos, com fartas opções de lazer para seus habitantes, tem apresentado significativo e constante crescimento imobiliário com potencial valorização dos imóveis da região.

*Muita coisa mudou do Papicu que conheci na infância, quando meu pai me levava para passear de carro e ver a lagoa do Papicu, no final dos anos 60. Depois veio a fábrica da Astra, que antes de fechar virou Brahma. A requalificação desse espaço com a construção do Shopping RioMar, e de bem projetados prédios residenciais e comerciais, serviu para acelerar e consolidar o novo Papicu.*

*Hoje o Papicu conta com uma excelente estrutura de comércio e serviços, vários supermercados, hospitais de referência, um moderno self storage, além de inúmeras outras atividades.*

*As intervenções urbanas, com novas vias de acesso e espaços públicos organizados, serviram para atrair cada vez mais investimentos, colocando o Papicu entre os bairros mais procurados para morar em Fortaleza, comentou o empresário José Demétrio Hiluy Jereissati.*

## **Do Sítio Cocó ao Papicu**

No escritório do Hotel Diogo, em imprescindível depoimento, discorreu o engenheiro Waldyr Diogo de Siqueira Filho que, do trilho do trem até o mar, e da foz do rio até o Mucuripe, era o Sítio Cocó, adquirido pelo coronel Antônio Diogo, seu avô, devido a exploração do sal, a promoção do abate do gado e a exportação do couro. Mas, basicamente, o fundamental objetivo se deu por conta do sal.

O Papicu, antigo Moderna Aldeota,

*ficava nas primeiras quadras entre o trilho e onde hoje é o Shopping RioMar, loteamento esse que era da imobiliária que o papai [Waldyr Diogo de Siqueira] já pegou a ideia e implantou e teve a Praia Antônio Diogo, hoje conhecida por “Praia do Futuro”, devido ao slogan da publicidade. Aí pegou.*

E prosseguiu dizendo que os loteamentos surgiram a partir dos filhos do coronel Antônio Diogo.

*Meu pai formou-se engenheiro civil na Bahia [Escola Politécnica da Universidade Federal da Bahia], mas antes esteve nos Estados Unidos, onde fez uns estágios por lá e, naturalmente, absorveu algumas coisas. – Dos 19 filhos do coronel, 16 sobreviveram e 5 trabalharam com ele. – Mas o papai, vamos dizer, quando começou a trabalhar depois que chegou da*

*Bahia, tinha o Zezé Diogo, que havia morado no Rio de Janeiro, e não demorou muito e onde, infelizmente faleceu. Ficaram 4 irmãos.*

Sobre a vocação residencial do Bairro Papicu, Waldyr disse que:

*ali foi implantada a Cidade 2000, praticamente o último negócio que o papai fez, em janeiro de 70. Uma semana antes ele tinha fechado negócio da venda lá da Cidade 2000, que eram 35 hectares dele, 15 hectares do pessoal do Dioguinho, que era vizinho lá nas Pedras, vizinho ao rio.*

*Então ele vendeu esses hectares para o Grupo TAA, da Terra Companhia de Letras Imobiliárias, que já comprou na intenção de implantar a Cidade 2000. Mas, primeiramente, foi chegando a Moderna Aldeota, que tinha um padrão mais baixo de moradia, e levou muita gente pra lá. Muita gente que, por exemplo, trabalhava na Aldeota residia lá.*

Quanto ao Hospital Geral, o terreno foi uma doação que a Imobiliária fez e que levou muitas melhorias. Quanto à Cervejaria (Astra),

*o Senador [José Macêdo] conseguiu fechar umas 5 ou 6 quadras grandes para que ela fosse implantada. Isso com a autorização da Prefeitura... a intenção era válida.*

O projeto urbanístico do loteamento Moderna Aldeota foi “uma ampliação natural de Fortaleza”, seguindo a malha viária da cidade.

*Se você observar, as quadras são bastante generosas... O padrão lá, se não me engano, era 100 por 200 [metros]. Variava um pouco, mas a grande maioria era 100 por 200. E assim foi se desenvolvendo.*

E prosseguiu:

*num dia desses eu passei por lá [Cidade 2000] e, pra não dizer que não encontrei casas originais, encontrei não mais do que duas. Antigamente, ali era um projeto da TAA, grupo pernambucano proprietário de uma financeira aqui em Fortaleza, de nome Terra, a Tradição, na Bahia, a Tabajara, em Pernambuco e a Tropical, em Manaus. Mas, na época, aquele conjunto foi um tanto quanto avançado, porque ele tinha características diferentes dos demais.*

Quanto às praças do Papicu, elas são bem cuidadas pelos moradores; alguns deles constituíram associações para essa finalidade.

A visão imobiliária partiu muito do engenheiro Waldyr Diogo, no Sítio Cocó, com suas frondosas mangueiras.

*Por muito tempo, e eu ainda era menino, a Santos Dumont [avenida] terminava no trilho, aí tinha um portão azul, cujo morador ao lado era quem abria, para dar acesso ao Sítio.*

Sobre o desenvolvimento urbano – surgimento dos vazios urbanos – entre a Praia do Futuro e o Papicu:

*Eu acho que a velocidade lá [Praia do Futuro] foi mais devagar porque o pessoal com mais recurso investiu lá, aí ficou na mão de quatro ou cinco, de maneira que a especulação fez com que a coisa baixasse assim. Ali, foi isso que aconteceu.*

Ao ser perguntado sobre os grandes amigos do engenheiro Waldyr Diogo de Siqueira, ele respondeu:

*Aqui do Ceará, ele tinha Egberto Rodrigues, Mário Gadelha, esse pessoal todo daí, da Federação das Indústrias, Chico Silveira... Papai foi fundador da FIEC, primeiro presidente, está entre os cinco fundadores. Era preciso 5 sindicatos para justificar uma federação. Mas ele teve muitos amigos, Sylvio Leal, que era concunhado dele, eram muito amigos, o Studinha [Oswaldo Studart], da Ford, pessoal lá dos Studart...*

Por fim, a respeito do irmão Antônio Eduardo, ele comentou:

*A única coisa que eu poderia lhe dizer ainda com relação a meu irmão Tonho, é que quando cheguei do Rio, onde eu morava, tenho lembrança dele ter trabalhado na Imobiliária. Rapaz, tu pesquisando, tem tido é trabalho, né?*

E assim disse Waldyr Diogo de Siqueira Filho, o Waldyrzinho.





## CADEIRAS NA CALÇADA

*Não há recanto de Fortaleza, por mais humilde,  
ou mesmo modificado pelo progresso,  
que não traga à lembrança uma velha ocorrência  
oculta nas dobras do passado.*

*Otacílio de Azevedo*

**N**a cultura das cadeiras na calçada, palestramos com Sílvia Diogo de Holanda e Eugênio Diogo de Holanda, seu filho. Sílvia é filha primogênita de Waldyr Diogo de Siqueira. No escritório da DH Consultoria e Imobiliária Ltda., conversamos descontraidamente.

Sobre a família Diogo de Siqueira.

*Eugênio: O coronel, que foi avô da mamãe, teve 19 filhos dos quais 16 se criaram. O meu avô era um dos caçulas, só que o vovô já foi, bom, vamos supor, à distância, o filho mais velho que eu acho que era...*

*Sílvia: Ele tinha filhos e netos, ao mesmo tempo. O meu pai tinha sobrinho um pouquinho mais velho do que ele.*

Eugênio: *Um dos mais velhos, pela história que eu sei, era o Zezé Diogo [José Diogo de Siqueira], que se deu muito bem na vida e saiu daqui e foi morar no Rio de Janeiro. O vovô era um dos caçulas, quer dizer, a diferença de idade do Zezé para o vovô era enorme.*

Eugênio: *Quando o bisavô dela morreu, o irmão Tó Diogo ficou tomando conta dos irmãos mais novos...*

Sílvia: *Era o chefe da família. Bem quietinho, igual à vovó [Dona Elisa Antônia Diogo de Siqueira, nome que adotou após a morte do marido, Antônio Diogo de Siqueira]. E ainda tem um sinal, ele não se casou e tomava conta da vovó.*

Eugênio: *Da mãe dele e dos irmãos.*

Sílvia: *O papai era como se fosse um filho para ele. Tio Tó era Antônio Diogo de Siqueira Filho.*

[...]

Sobre os loteamentos do Papicu e da Praia do Futuro.

Sílvia: *O Papicu foi o primeiro loteamento. Antes da Praia do Futuro. Foi ali na Nova Aldeota, como chamavam, onde aquilo tudo era da família do papai. Antes da Praia Antônio Diogo, teve o loteamento Moderna Aldeota. Tudo fazia parte do Sítio Cocó.*

Eugênio: *Todo o loteamento era Praia Antônio Diogo – apontando para a planta original do loteamento.*

Sílvia: *E foi onde meu pai trabalhou demais. O primeiro prédio que ele fez foi o Edifício Diogo, inaugurado exatamente em 1940, onde o cine foi alugado pelo Luiz Severiano Ribeiro. Aí a gente tinha os permanentes e entrava de graça – risos... – A Praia do Futuro era completamente vazia e o Tio Tó, uma grande pessoa, reunia primas, de vez em quando, um bocado de prima da minha idade, um pouquinho mais, um pouquinho menos, e ia fazer piquenique na Praia do Futuro, pra gente conhecer a pé. Olha, era uma luta tão grande, de doer nos ossos – risos –, conhecer as lagoas, porque tinha cinco lagoas dentro do terreno. Aí a gente ia na beira de uma lagoa, fazer piquenique com o Tio Tó, pra gente conhecer e ter ideia da grandeza que era aquilo acolá. Imagine setenta e tantos anos atrás.*

[...]

Sobre a cor azul.

Sílvia: *Tinha o portão azul. Aliás, tudo do meu avô era azul. Todas as fazendas... Tudo da família do papai era azul. As porteiras, as casas, tudo era azul... Ainda hoje a gente tem uma preferência danada pelo azul.*

[...]

Sobre Waldyr.

Sílvia: *Se não tivesse morrido tão cedo, porque ele morreu com 59 anos, em 1970, ele [Waldyr, o pai] teria feito muito mais. Meu pai era pontual, saía muito cedo para trabalhar, mas nunca deixou de ir ver um dia a mãe dele. E era muito... – silenciou, emocionada. – Foram muito bem-criados, bem amorosos...*

[...]

Sobre mocidade.

Sílvia: *A mocidade era assim, a gente saía com as amiguinhas... Eu fiz uma opção, porque como a mamãe e as irmãs estudaram no Rio, no Sacré-Coeur de Marie [tradicional instituição de ensino particular], eu fui passar umas férias no Rio e a Tetela [Maria Estela Ferreira Studart, tia], mulher do Studinha [Oswaldo Studart, tio], me levou ao colégio e eu quis ficar lá. Vixe, foi um chororô danado. Eu vim, me preparei e voltei. Passei três anos lá, indo e voltando. Naquele tempo só tinha um voo, o Constellation [avião quadrimotor a pistão], que saía de noite e chegava de manhã por aqui e era uma coisa danada. Era uma credencial para uma boa educação, mas a minha mãe preferia que eu não tivesse ido.*

[...]

Sobre os passeios à Praia do Futuro e ao Papicu.

Sílvia: *A diferença é porque custou muito a ser habitada totalmente [Praia do Futuro]. Então, existia aquele vazio.*

[...]

Sobre os projetos de Waldyr Diogo de Siqueira.

Sílvia: *Ele era um pouco reservado, mas a gente sabia tudo. Ele era muito, muito afetuoso. Muito bom, gostava de ajudar as pessoas. Generoso demais. Ajudou muita gente da família. Alargou o patrimônio deixado pelo pai. Principalmente, o patrimônio imaterial. Tinha uma visão extraordinária. Ele adorava as novidades. Gostava de viajar.*

[...]

Sobre outros familiares.

Sílvia: *Eu tinha um outro tio, Dioguinho, ligado aos Diários Associados, e que se chamava Diogo Vital de Siqueira.*

[...]

Sobre a generosidade do coronel Antônio Diogo de Siqueira.

Eugênio: *Um senhor chegou para me contar a seguinte história. “Olhe, o seu bisavô fez um negócio muito bom para meu pai (ou foi avô, agora não me lembro direito) com um imóvel que estava hipotecado e foi a leilão. O coronel foi ao leilão, arrematou o imóvel e devolveu”. Ele podia e devolveu. Mas eu gostei porque o senhor me contou de graça.*

Sílvia: *Eles não diziam nada. Mas eu sei que tanto o meu avô, como meu pai, foram assim, generosos até demais! – risos. – Muitos parentes aproveitaram.*

## **Portão**

Quanto à chave do portão azul, conta Sílvia Diogo de Holanda:

*Era guardado por um senhor que morava vizinho. Tinha sempre uma pessoa, em sua casinha, que tomava conta das porteiras.*

Assuntando com Eduardo Diogo, bisneto do coronel Antônio Diogo de Siqueira, ele contou:

*Papai [Antônio Eduardo Diogo de Siqueira] falava do portão de entrada da fazenda [Sítio Cocó] que eles iam, na Santos Dumont, onde hoje tem o túnel, que passa debaixo do trilho do trem, do VLT. Ali, esquina*

*com Santos Dumont com o que seria hoje a Via Expressa, era o portão da fazenda do avô do papai.*

[...]

*E a Santos Dumont saía lá do Centro e ela era como se fosse uma vereda, uma vereda aberta no meio do mato, simplesmente uma vereda. E quando chegava ali, na altura da Via Expressa, tinha um portão de ferro, onde era a entrada da fazenda, que ficava logo à frente do antigo trilho do trem. Pelo o que eu escutei, ele [coronel Antônio Diogo de Siqueira] comprou aquela área para poder tirar lenha para construir a estrada de ferro, mas aí é uma outra história...*

[...]

*Se tivesse uma história para eu poder ressaltar, que o papai falava, era essa, que a Santos Dumont era uma vereda, no meio da mata, e na altura da Via Expressa tinha um portão, onde ali ele descia, abria o portão e entrava na fazenda.*

[...]

*Então, assim, a coisa que ficou mais para mim, de quanto a cidade se desenvolveu para lá, é essa referência com relação à Santos Dumont. E ali, a entrada onde é a Via Expressa. O papai sabia muito, e o titio [Waldyr*

Diogo de Siqueira Filho] *também tem uma memória gigantesca com relação a tudo isso.*

Nota-se que, pela extensa dimensão territorial, Eduardo chama o Sítio Cocó de fazenda.

## **Olhos d'água**

É evidente que a história do bairro Papicu se mistura com a da família Diogo de Siqueira. Então, para contextualizarmos a nossa narrativa coloquial, ouvimos o artista, arquiteto e urbanista Maurício Quinderé Cals.

*Quando criança, pré-adolescente, nós íamos à salina do tio Tó [Antônio Diogo de Siqueira Filho] e pegávamos os cavalos até o Caça e Pesca [Clube]. O Henrique Theophilo [Henrique César Cals Theophilo Gaspar de Oliveira, primo], o Manoel [Manoel Theophilo Gaspar de Oliveira, primo], o Walter [Walter Quinderé Cals, irmão] e eu, fazíamos esse passeio. A gente pegava o ônibus, na linha da Santos Dumont [avenida], e depois íamos a pé até a salina, onde tinha uma casa grande, onde a gente arreava os cavalos. Éramos crianças, praticamente, 12 anos, 13, e era essa a diversão na salina do Cocó, do tio Tó.*

[...]

*Todos os domingos a gente tinha o hábito de pedir a bênção à Dindinha, Elisa [Elisa Antônia Diogo de*



Siqueira], mulher do Antônio Diogo. A gente ia até a casa dela, que era ali na Duque de Caxias com Tristão Gonçalves, onde hoje é um órgão da Justiça do Trabalho. Era uma casa imensa, eles tiveram 19 filhos, 16 ficaram vivos, e a gente ia pedir a benção a ela, a minha bisavó. Ela morreu em 58, então eu ainda era bastante criança, mas tinha esse ritual e para cada neto ela dava um bombom. Era uma coisa interessante.

[...]

A curiosidade é que não existia a família Diogo. A família era “de Siqueira”, portuguesa, ou Sequeira, e o mais longe que eu vou é à condenação de Manoel à fogueira, porque era judeu, sefardita, lá em Portugal, pela Inquisição. Era Manoel de Siqueira, 1765, por aí. Ele foi condenado à fogueira e a mulher dele foi deportada para o Rio de Janeiro. Depois ela voltou, quando foi expulsa do Brasil, para Portugal.

O nome Diogo era um nome próprio. Diogo de Siqueira, que veio para o Brasil. A verdade é que não existia a família Diogo, e o filho dele, José Vital, que era o pai do Antônio, resolveu acrescentar o nome Diogo ao sobrenome.

[...]

*1958 foi um ano triste para a família, pois foi o ano que a minha bisavó Elisa, a Dindinha, faleceu.*

[...]

*Não conversávamos sobre o pai da vovó [Hilza Diogo Cals], não. Faleceu em 1932, papai não conviveu com ele. A família era muito grande e as conversas eram mais sobre o dia a dia, com tia Tony [Antonieta Cals de Oliveira], muito importante na vida da família, muito ativa na cidade... Assim, não era uma coisa muito de se rememorar os que se foram, não.*

E concluiu dizendo que os olhos d'água dentro do Cocó muito o impressionavam.

*Eram tantos. A água brotava do chão, uma água límpida, uma coisa maravilhosa... Não tinha um cuidado, não. Elas brotavam e aqui, acolá, tinha um olho d'água. Eu achava aquilo curiosíssimo, a água intermitente, brotando dentro do Cocó... Até hoje existem esses olhos d'água. São protegidos por anéis de cacimba. Acho que talvez a Cagece [Companhia de Água e Esgoto do Ceará] aproveite.*

# MURO

*Quer ser feliz, ame pai e mãe.*

**Sapateiro Alves**

**E**m *A ideia de muro* livro do arquiteto e urbanista Napoleão Ferreira, está escrito que

*se o muro é um limite territorial, também é uma imitação, no sentido de ser uma barreira, cuja transposição requer a negação de uma regra estabelecida; e a ruptura, de forma temerária, com o instituído. O muro hostiliza e intimida, de forma consciente ou não, aqueles que estão do lado de fora. Ao passo que confina, isola, aos mesmos que oferece proteção, prestígio ou pena.*

[...]

*No século XX, a história dos muros assume algumas particularidades. Predomina uma nova diversidade de muros. Os muros prisionais, os muros de segregação habitacional e os muros de funções defensivas nacionais.*

Na cultura do Papicu, a arte popular se apresenta pública na poética do Sapateiro Alves, “amigo do po-

bre, conhecido do rico”. Na Avenida Engenheiro Santana Júnior, próximo ao viaduto que atravessa a Santos Dumont, é o endereço de seu Alves, onde, em meio a um muro palavreado, ele trabalha com calçados e enfeita a vida com versos. *Onde o velho fica novo* foi seu primeiro escrito, em alusão ao sapato velho que lá virava novo. Depois, passou a escrever mensagens que enaltecem o amor e a família.

Nas pinturas, as cores preferidas do sapateiro-poeta são: amarelo-manga, azul e vermelho-sangue. À sombra da castanholeira, plantada por ele, parece que estou é vendo – o pegar o pandeiro e cantar: “A vida de casado é boa, a de solteiro é melhor. O solteiro vai para onde quer, o casado tem que levar a mulher. Porque se não levar...”

O muro do Sapateiro Alves lhe rendeu o Prêmio IAB/CE Gentileza Urbana, concedido em 2016 pelo Instituto de Arquitetos do Brasil, Departamento Ceará, que já o havia agraciado com menção honrosa em 2007.

Diferente dos demais da cidade, o muro do sapateiro-poeta é uma fresta à liberdade e aos sonhos de quem descreve e convive com as coisas mais simples e preciosas da vida.

## BAIRRO DA LAGOA DOURADA

**A** propósito do Papicu, escreveu Hermínio Macêdo Castelo Branco, o Mino, artista múltiplo e cartunista, morador do bairro.

*No Papicu aprendi que uma parte do povo acha que a calçada dos outros é o melhor lugar para se despejar o lixo.*

*Mas aprendi também que outras pessoas varrem suas calçadas e telefonam para a Prefeitura vir retirar os monturos deixados pelos que não entendem isso, nem sabem ler avisos.*

*No Papicu pude ver a pobreza miserável. Mas pude ver também os que se oferecem para podar as árvores e pintar os muros pichados pelos jovens invisíveis e insurgentes.*

*Quantas vezes no Papicu ouvi papocos de fogos rasgando os ares: O time ganhou? Fogos pra lá, fogos pra cá, todos agraciados e, de certa forma, comemorativos.*

*No Papicu constatei o aumento da população felina pelas orgias dos gatos e os latidos dos cães.*

*No Papicu, lado norte, lado sul, tudo se passa pelo lado leste para o oeste, riqueza e pobreza entrelaçadas e confundidas, sem territórios definidos.*

*Constater também escolas e capelinhas resilientes e cheias de esperança, formadas pelas pessoas de boa vontade, para as quais todos os dias do ano são natais, dias certos para se praticar o bem.*

*O que mais no Papicu tem? O significado do seu nome [vide o tupi-guarani], que quer dizer “lagoa comprida”, água potável existente no regaço das dunas alvas, onde nunca me banhei.*

*E reza a lenda, que por via solitária constatei, outrora era uma lagoa dourada que acendia por volta do pôr do sol, onde índias formosas, guerreiros valentes e crianças felizes ali se banhavam, esses habitantes dos anos distantes, dos tais tempos que não voltam mais.*

## SIAMESES

**N**a procura de conhecer mais sobre a história do Papicu, falei com Luís Gonzaga Vasconcelos Filho, o Luisinho. Aí ele me disse que Waldyr Diogo de Siqueira Filho havia concedido entrevista para o empresário Ricardo Bezerra, sócio-diretor da Lopes Immobilis, em seu programa radiofônico *Conexões*, guardado no YouTube. E comentou:

*Eu pessoalmente conheci o Dr. Waldyr pois frequentei a sua casa, desde criança, e trabalhei na Construtora [Waldyr Diogo] por 30 anos. Quando ele faleceu, em 17 de janeiro de 1970, eu já trabalhava na Empresa. Dr. Waldyr foi um dos pioneiros na construção civil no Ceará. Foi por 17 anos presidente do CREA [Conselho Regional de Engenharia e Agronomia do Ceará], por 12 anos presidente da FIEC [Federação das Indústrias do Estado do Ceará], desde sua fundação, tesoureiro da CNI [Confederação Nacional da Indústria], Dire-*

*tor da Escola Industrial do Ceará, homem de sociedade e um dos dirigentes do Maguari [Sport Club Maguari].*

*Fico meio acanhado, pois aí está Waldyrzinho que, como filho e herdeiro do ilustre nome, sem dúvida tem a primazia, inclusive do conhecimento. Mesmo assim não me furto... Mas de muito bom grado, estamos aqui.”*

Fui ao YouTube e, no programa do Ricardo, colhi o seguinte do entrevistado Waldyrzinho:

*Era um homem [coronel Antônio Diogo de Siqueira] de poucas letras, era um homem muito trabalhador, era um homem humilde, era um comerciante nato, e criador de boi... Era um marchante e não abria mão dessa profissão dele, e isso tudo contribuiu para o início da vida comercial dele, e daí ele surgiu para ser muita coisa, inclusive fazendeiro, agropecuarista, salineiro, industrial... Foi marchante, fazendo o que o pai dele fazia.*

[...]

*Ele recebeu o título de coronel em mil oitocentos e... Foi a Guarda Nacional que concedeu através de um diploma, que até eu cheguei a lê-lo...*

[...]



*A vovó teve 19 filhos, que foram ramos, troncos, dentro da imobiliária, em que foi distribuído o patrimônio [depois da morte do coronel].*

Sobre o Sítio Cocó, onde a região do Papicu se incluía:

*A aquisição foi através de oferta por parte do vendedor, porque já eram amigos, em função da aquisição de sal, ao longo do tempo, para salgar os couros para exportação e, lá pelas tantas, o Demóstenes ofereceu ao vovô, no sentido que ele comprasse, porque ele estava precisando, e o vovô, quase que fazendo um favor, acredito eu, comprou o Sítio Cocó.*

Sobre o engenheiro Waldyr Diogo de Siqueira:

*Na época, ele e os sócios achavam que estava na hora de fazer o loteamento Praia Antônio Diogo, mais conhecido como Praia do Futuro. Diga-se de passagem, esse nome Praia do Futuro era o slogan da época de venda. Artifício de venda. Então o nome pegou como Praia do Futuro. Mas o nome em cartório, como se diz, é Praia Antônio Diogo.*

[...]

*Ali eram dunas, eram dunas como você passa aí, normalmente. Então foi comprado pela imobiliária um equipamento pesado, Moto Scraper, botou-se na época, e aquela coisa toda pra fazer o movimento de terra.*

*Nesse ponto aí, quero fazer um adendo, que ele saiu daqui pra comprar essas máquinas lá no Recife, que aqui não tinha representante da Caterpillar, e chegando lá, conversando com um cidadão da mesa, quando chegou um diretor, que mandou saber quem era aquele cidadão, lá disseram o nome dele, sobrenome. “Rapaz, pelo amor de Deus, fazer cadastro de um Diogo de Siqueira!” Aí se levantou, foi lá buscar o papai, levou pra sala da diretoria, e essa coisa toda. E nesse tempo ele trouxe as máquinas de lá pra cá e se trabalhou muito tempo. Mais de um ano, por mais de um ano... Ali, se não me engano, eram 276 quadras.*

Pelo apanhado do assunto, percebe-se o quanto a história da Praia do Futuro e a do Papicu são atreladas. Bairros siameses.

## NA PRAÇA, O ABRAÇO DA ARTE

**C**erta vez, ouvi dizer: “A partir da praça, a cidade nos abraça”. Do alvorecer à luz do dia, do pôr do sol ao sorriso da boca da noite, a praça é um livro aberto, escancarado, a contar histórias do lugar e das pessoas que nele vivem. É onde se dá o encontro de tantas vidas, de significados e afetos a serem cultivados na memória da gente. E assim formamos o sentimento de pertencimento.

Viva a praça é quando ela agrupa épocas em diversos nortes. Bucólica e poética, acolhe em seus silentes bancos conversas corriqueiras... No passeio de arrodar – herança do tempo do bonde –, a praça é a extensão dos corpos de todos nós.

Pois bem. No Papicu residem vários artistas. Talvez, por ser o bairro desenho e pintura da paisagem de natureza viva, um quadro emoldurado pelo lume de sóis e luas que encandeiam a correria da vista. Aí, eu matuto: se em cada bairro, a cada praça fosse dado

nome de artista, certamente, a céu aberto a cidade se tornaria uma grande galeria de arte e, no mínimo, seria bem mais bonita.

Em 2015, entre as ruas José Rangel e Ari Barroso, junta ao Shopping RioMar, foi construída a Praça Nice e Estrigas, em homenagem ao casal de artistas plásticos Maria de Castro Osório (1921-2013) e Nilo de Brito Firmeza (1919-2014), por décadas militantes pela defesa e valorização da cultura de Fortaleza.

Durante a solenidade de inauguração, o então prefeito Roberto Cláudio Bezerra ressaltou a trajetória de Nice e Estrigas, e, com familiares do casal, plantou uma muda de baobá, abrolhada do plantado pelo artista no sítio em que viveu, aos pés do qual estão deitadas suas cinzas. A árvore descende do histórico baobá do Passeio Público – Praça dos Mártires, a mais antiga da cidade de Fortaleza –, plantado pelo Senador Pompeu, em 1910, e tombado pelo Patrimônio Histórico-Cultural.

Ainda na ocasião, Rachel Gadelha, sobrinha-neta de Estrigas, contou:

*Nice sempre foi muito ligada à natureza, adorava as flores e sempre dava uma muda de presente a quem os visitava. Estrigas tinha mais ligação com o baobá, por sua solidez e força. Este é mais um legado que eles deixam pra nossa cidade, e para que as pessoas cuidem mais do meio ambiente.*

No entorno da Praça Nice e Estrigas, foram plantadas mais de 2.500 mudas. Com cerca de 10 mil metros quadrados, o espaço público é inteiramente acessível, provido de área para leitura, exercícios físicos, faixa para circulação de bicicletas e pistas de caminhadas e de skate.

Nascida em Aracati, Nice principiou a pintar em 1950 com orientação técnica, descoberta pelo desenhista, pintor, fotógrafo e cineasta-amador João Maria Siqueira (1917-1997), que a incentivou a iniciar um curso artístico. Em 1961, Nice casou-se com o amor de toda a sua vida, Estrigas.

Nascido em Fortaleza, Estrigas estudou no Liceu do Ceará, escola pública fundada em Fortaleza no ano de 1845 – quando tomou o apelido, emprestado pelo artista circense Estriguine –, formou-se em odontologia, e compôs a SCAP (Sociedade Cearense de Artes Plásticas), em 1950, onde cursou seus primeiros estudos de pintura e desenho. Foi pintor, ilustrador, pesquisador, crítico de arte e servidor público do estado – primeiro como dentista e depois como arte-educador.

Pois é, já que “a praça é do povo”, os bairros unem a cidade quando, nos bailes da vida, “todo artista tem de ir aonde o povo está”.



# CHISTE

*A rima é tempero  
que dá gosto à poesia  
Eu fujo de entrevero,  
por não falar areisia*

*Da lagoa vem o nome  
comprido, tal pirarucu  
Agora o couro come,  
o bairro é Papicu!*

**S**eguindo o bom humor do fortalezense, na Cultura do Ceará Moleque, tão cultuada pelo irreverente e carismático Quintino Cunha (1875-1943), advogado, escritor e poeta cearense, diz o popular Zé da Onça, que mora no perímetro entre os bairros Varjota e Papicu: “Nesse inverno, é Varjota relampeando e Papicu trovejando!”

Já, conta o professor, arquiteto e urbanista Romeu Duarte Júnior:

*Lembro-me, certa feita, de uma conversa num botiquim em que alguém falou que seria criada uma linha de ônibus Acaracuzinho/Papicu, com passagem pelos bairros Ancuri, Curió, Mucuripe e Quintino Cunha. Aí um sujeito falou: – Vá gostar de ônibus fedorento assim no inferno!*

São muitas as piadas a respeito dos bairros Papicu e Varjota, algumas incluindo a Via Expressa, em Fortaleza, porém, aí é uma outra história.

Mas, como deixou escrito o poeta e escritor alemão Charles Bukowski (1920-1994), “definição de bom bairro: lugar onde a gente não tem condições econômicas para morar”.



## POR DERRADEIRO

**C**omo em todo bairro, as opiniões dos moradores divergem sobre a qualidade de vida do lugar. Muitos acham o Papicu bom de morar por ser seguro e com boa vizinhança. Como vantagem, apontam a proximidade de vários comércios e por ser calmo e de fácil acesso a outros locais, principalmente devido a existência de muitos pontos de ônibus, e o terminal de passageiros. Quanto a opção de investimentos em imóveis, é avaliada como excelente. “A especulação imobiliária tem aumentado bastante, principalmente nos arredores e pela proximidade de áreas litorâneas”, cita um morador que não quis ser identificado.

Considerando diversos aspectos sobre infraestrutura, reputação e conveniência desse sítio urbano, localizado próximo da Praia do Futuro e de outros bairros de referência da cidade, o Papicu é avaliado como um dos melhores locais para se morar e trabalhar em Fortaleza.

*Feliz criança eu fui  
No esquadro do meu olhar,  
minha casa era perfeita  
Tudo na medida certa  
existia naquele lar  
em que cedo eu bem vivi*

*Os adultos eram enormes  
e também se respeitavam  
Confiavam um nos outros,  
se gostavam, não se cobravam  
Facilmente, se perdoavam,  
logo se apertavam as mãos*

*Hoje, lembro com saudade,  
como singela era a cidade  
O tempo não tinha pressa,  
possíveis os sonhos eram  
O amor sempre de graça  
e as paixões criavam mundos*

*Os lugares, as pessoas  
e a paz comum a elas,  
que tão bem eu convivi,  
juntam-me ao lindo passado,  
meu presente e o futuro  
para onde certo eu vou!*





# Referências

Livros **A ideia de muro**, de Napoleão Ferreira; **Cidade 2000: expansão urbana e segregação espacial em Fortaleza**, de Maria Clélia Lustosa Costa; **Fortaleza descalça**, de Otacílio Azevedo.

---

**Depoimentos de** Antônio Eduardo Diogo de Siqueira Filho; Eugênio Diogo de Holanda; Luís Gonzaga Vasconcelos Filho; Maurício Quinderé Cals; Ricardo Bezerra, programa radiofônico Conexões, Jovem Pan e YouTube; Sílvia Diogo de Holanda; e Waldyr Diogo de Siqueira Filho.

---

**Frases de** Sapateiro Alves (Honorato Alves Pereira) e de Charles Bukowski.

---

**Jornais Diário do Nordeste, O Estado e O POVO.**

---

**Poemas** “Das coisas da Lagoa Comprida, Babéis e Selvas de Pedra”, de Túlio Monteiro; “Minha Fortaleza”, “Papicu” e “Lembranças”, de Totonho Laprovitera; “Minha Praia”, de José Maria Moreira Campos; e “Papicu”, de Alana Girão Alencar.

---

**Relatório de Pesquisa – Cartografia da  
Criminalidade e da Violência na**

**Cidade de Fortaleza.** Profa. Dra. Glaucíria Mota Brasil;  
Profa. Dra. Rosemary de Oliveira Almeida; Prof. Dr. César  
Barreira; Prof. Dr. Geovani Jacó de Freitas. Fortaleza, 2010.

---

**Revista do Instituto do Ceará – As múltiplas facetas de  
um marchante: a vida empresarial de Antônio Diogo  
de Siqueira,** de Carlos Negreiros Viana, set. 2002.

---

**Site Fortaleza em Fotos.**

---

**Textos de César Cals de Oliveira Neto; Hermínio Macêdo  
Castelo Branco (Mino); José Demétrio Hiluy Jereissati; José  
Ribamar Ramos; Júlio Penaforte; Maria Clélia Lustosa da  
Costa; Ricardo Figueiredo Bezerra; Romeu Duarte Júnior; e  
fundamentados em pesquisas na Internet e outras fontes.**

---

**Trechos das letras das canções “Hora do Almoço”,  
de Antônio Carlos Belchior; e “Nos Bailes da Vida, de  
Milton Nascimento e Fernando Brant; dos poemas  
“Fortaleza”, de Paula Ney; “O Povo ao Poder”, de  
Castro Alves; e de texto de Rubem Alves.**



Este livro foi impresso em Fortaleza (CE),  
no outono de 2023.

A fonte usada no miolo é Gandhi Serif, corpo 10/13,4.

O papel do miolo é pólen 90g/m<sup>2</sup>,  
e o da capa é cartão supremo 250g/m<sup>2</sup>.

[www.terradaluzeditorial.com.br](http://www.terradaluzeditorial.com.br)





*Vista panorâmica do  
Papicu na década de 1980.*



Foto: Natanael Feitosa



## **Totonho Laprovitera**

Cearense de Fortaleza, Totonho Laprovitera (Francisco Antonio Laprovitera Teixeira, 1957) é artista múltiplo, arquiteto e urbanista.

Em seu currículo, possui importantes projetos de arquitetura e urbanismo, diversas exposições de artes plásticas (nacionais e internacionais), três livros publicados, e participação no teatro e cinema. É boêmio, cronista do jornal O Otimista e apresentador do programa Mosaico, da TV Otimista.

• • •

***Foto da capa:** Vista panorâmica do Bairro Papicu, vendo-se em primeiro plano, a lagoa que o denomina.*

***Foto da contracapa:** Praça Nice e Estrigas, inaugurada em 24 de janeiro de 2015.*



**Fortaleza**

PREFEITURA

Cultura



9 786586 517330